

A classificação e suas consequências

Classification and its consequences

Walter Moreira

Livre-docente em Sistemas de Organização do Conhecimento pela Universidade Estadual Paulista – UNESP, câmpus de Marília, Brasil.
Professor associado do Departamento de Ciência da Informação da Universidade Estadual Paulista - UNESP, câmpus de Marília, Brasil.
E-mail: walter.moreira@unesp.br

BOWKER, G. C.; STAR, Susan L. **Sorting things out: classification and its consequences.** Cambridge: Mit Press, 2000.

À época da publicação de *Sorting things out: classifications and its consequences*, ainda sem tradução para o português, Geoffrey C. Bowker e Susan Leigh Star eram professores do Departamento de Comunicação da Universidade da Califórnia, em San Diego, nos Estados Unidos. Ela faleceu em 2010, ele ainda é professor na mesma universidade, agora em Irvine, no Departamento de Informação e Ciência da Computação. O livro foi publicado pela *MIT Press*, na série *Inside Technology*.

Apesar da expectativa que o subtítulo da obra poderia causar, há menos sobre “classificação” do que sobre suas “consequências” no tratamento do tema, isto é, os autores não se aprofundam na fundamentação teórica da classificação, mesmo porque isso não é colocado como objetivo do trabalho. Antes, preocupam-se fundamentalmente com os efeitos, visíveis ou não, do emprego, consciente ou não, de sistemas de classificação para a categorização das mais diversas atividades sociais. O que interessa ao livro é detectar e analisar a influência, algumas vezes furtiva, da classificação nas mais diversas atividades humanas.

Logo após um texto de introdução, cujo título destaca o caráter humano da classificação (*To classify is human*), o livro apresenta um primeiro capítulo, em que se analisam o conceito geral de classificação social e suas interferências nas relações comerciais. Posteriormente, o texto é estruturado em quatro partes, descritas conforme segue.

A parte I, denominada “Classificação e infraestruturas de grande escala”¹, discute a Classificação Internacional de Doenças (CID) – hoje, formalmente denominada Classificação

¹ Todas as traduções de nomes de capítulos ou de citações feitas neste texto são livres.

Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde – e compreende os capítulos 2 (A gentileza de estranhos: tipos e política em sistemas de classificação), 3 (A CID como infraestrutura de informação) e 4 (Classificação, codificação e coordenação). Esses três capítulos tratam da estrutura, do conteúdo, da história e dos impactos diretos mais visíveis da CID.

Na parte II, intitulada “Classificação e biografia, ou sistema e sofrimento”, estão inseridos os capítulos 5 (Da tuberculose e trajetórias) e 6 (O caso da classificação e reclassificação de raça sob o *apartheid*).

O capítulo 5 discute como a tuberculose foi classificada pela ciência e pela população em geral, no século XIX. Esse capítulo é recheado com exemplificações conectadas ao romance “A montanha mágica”, obra prima do escritor alemão Thomas Mann, publicada em 1924. Na obra de Mann, que se passa num sanatório destinado ao tratamento de doenças respiratórias, os personagens são devidamente “categorizados” e passam a ter seus comportamentos regulados em função dos problemas de saúde que apresentam. Talvez, a expressão “enquadrados”, em vez de “categorizados”, funcione melhor neste caso e poderia atender de modo mais preciso ao olhar modelizante que propõem Bowker e Star sobre a classificação. No romance, Hans Castorp, um estudante de engenharia em torno do qual a narrativa se desenrola, vai ao sanatório para uma breve visita ao primo que se encontrava internado e permanece por muito mais tempo do que o esperado, com a saída sempre adiada, quando a equipe médica percebe nele sinais de tuberculose, num exercício bastante duvidoso de semiologia médica.

O capítulo 6 discute o desastroso e sub-reptício modelo de classificação racial empregado a serviço do *apartheid* na África do Sul na segunda metade do século XX.

A parte III, cujo título é “Classificação e prática de trabalho”, agrega os capítulos 7 (Que diferença faz um nome - a classificação do trabalho em enfermagem) e 8 (Esquecimento organizacional, conhecimento em enfermagem e classificação). Ambos os capítulos analisam o resultado da equação que envolve a problemática sobre a invisibilidade do trabalho realizado na enfermagem, a conseqüente necessidade de sua denominação e classificação para que se torne visível e os problemas adicionais ou o desserviço que uma classificação inadequada causa, observando, inclusive, aspectos históricos. Para a construção da análise e das reflexões, os autores debruçam-se sobre a *Nursing Interventions Classification* (NIC).

A parte IV, chamada “Teoria e prática das classificações” funciona como elemento sintetizador das discussões apresentadas no livro. Compreende os capítulos 9 (Trabalho categórico e infraestruturas de fronteira: teorias enriquecedoras de classificação) e 10 (Por que as classificações são importantes?). No capítulo 9, discutem-se os limites inerentes às classificações, sempre arbitrárias e contextuais, e as demais limitações ideológicas que lhes são adicionalmente atribuídas quando passam a servir ao aparelho burocrático do estado. Como se ainda fosse necessário depois da longa e aprofundada discussão sobre o tema, Bowker e Star reforçam, no capítulo 10, a permanência dos sistemas de classificação, o fato de que representam pontos de vista e a necessidade de que sejam tomados como estruturas abertas, sujeitas a alterações.

Sorting things out é uma discussão sobre classificação de modo geral com foco nas suas consequências sociais e nos seus efeitos muitas vezes deletérios. Por conta de sua temática, o livro interessa, naturalmente, aos pesquisadores que se dedicam à compreensão do fenômeno classificatório, *lato sensu*, na abordagem da teoria da classificação pela organização do conhecimento. Há pouco diálogo, contudo, do texto com os avanços registrados na literatura da ciência da informação, com as exceções de praxe, como se pode ler no livro:

Sorting Things Out está no entrecruzamento da sociologia do conhecimento e da tecnologia, da história e da ciência da informação. As categorias representadas em nossos computadores e em nossos armários de remédios são razoavelmente *ad hoc* e individuais, nem mesmo legitimam classificações antropológicas ou etnológicas populares. Isso não é frequentemente investigado por cientistas da informação (mas veja Kwasnik, 1988; 1991; Beghtol, 1995; Star, 1998) (BOWKER; STAR, 2000, p. 6, tradução livre).

Sobre os textos de Kwasnik (1988; 1991) citados, o primeiro publicado nos anais da *American Society for Information Science 51st Annual Meeting*, e o segundo no *Journal of Documentation*, tratam da organização de documentos pessoais. A citação de Beghtol (1995) refere-se a um artigo também publicado no *Journal of Documentation*, que analisa a abordagem facetada da classificação aplicada ao conhecimento público não descoberto. O texto de Star (1998), publicado na *Library Trends*, trata das relações entre a *grounded theory* e as classificações facetadas. O artigo de Star é um dos dois únicos textos dela disponíveis na base de dados LISTA, o outro é uma introdução, escrita também com Bowker, ao número especial da *Library Trends* sobre classificação social (STAR; BOWKER, 1998). Bowker, por sua vez, já aparece mais vezes na referida base de dados, registrando treze ocorrências. Um dos textos desse autor localizados na LISTA é um artigo intitulado “*The kindness of strangers: kinds and politics in classification systems*” (BOWKER, 1998), igualmente publicado no número especial

da *Library Trends*, cujo conteúdo também é desenvolvido no livro ora resenhado no capítulo 2, com o mesmo título.

Sorting things out discute casos concretos de efeitos de sistemas classificação e interpõe, junto a questões teóricas de cunho reflexivo, algumas breves narrativas de casos que ilustram a ubiquidade da classificação no meio social. Veja-se, por exemplo, esta, que abre a introdução do livro, recolhida de um episódio da série de televisão *Arquivo X* em que um assassino quer entender que motivações pessoais o levariam à prática dos crimes. Em resposta à pergunta “Por que sou compelido a matar todas essas pessoas?” ouve, de um corretor de seguros que arvora para si poderes adivinhatórios, a seguinte explicação: “Você não entende, filho? Você é um maníaco homicida”. Quem é responsável por nos rotular e até que ponto os rótulos nos definem são algumas das questões que se colocam desde esse momento. Além de casos ilustrativos conectados com a ficção, como também ocorre com a leitura de “A montanha mágica”, de Thomas Mann, há diversos outros, conectados com a realidade, tais como os que são desenvolvidos a partir de histórias de pessoas cujas vidas foram afetadas pelo modelo de classificação adotado como subsídio ao apartheid. A dupla arbitrariedade da classificação – no sentido de que depende de juízo e de que pode ser despótica – manifesta-se em alguns exemplos de relatos pessoais de sul-africanos ora classificados com brancos, depois negros e posteriormente como brancos novamente, com todos os seus efeitos negativos.

Hoje, somos ansiosamente classificados entre os que podem e os que ainda não podem tomar a vacina contra a COVID 19. Lutamos, diariamente, para separar o que é verdade do que não é. O simples ato de verificar, selecionar e responder (no mesmo momento, depois ou nunca) a correspondência diária é orientado por classificação e atende, de algum modo, a modelos pré-estabelecidos. Isso não é absolutamente estranho à biblioteconomia. Langridge (2006), no prólogo de seu livro de caráter didático sobre classificação bibliográfica, dá vários exemplos de como isso ocorre no cotidiano destacando de modo quase caricato “um dia na vida de todo-homem e sua esposa”.

A classificação é ubíqua, ainda que os sistemas utilizados para classificar e os critérios que os nortearam não sejam necessária e suficientemente claros. Além do mais, nem todas as classificações são formalizadas e, quando tomadas como naturais, geram percepções e comportamentos que se reproduzem facilmente. Os sistemas bons e úteis à manutenção do *status quo*, aliás, são invisíveis por definição. Nesse sentido, é fundamental compreender como as categorias são construídas e até mesmo desafiar os silêncios que as cercam.

Considerando-se o contexto social, há sempre muitas dificuldades para encaixar a pluralidade dos fenômenos no modelo aristotélico de classificação, imortalizado na Árvore de Porfírio e sua contradição interna com classes definidas em limites rígidos e mutuamente excludentes. A rigidez nas classificações provoca, invariavelmente, mais estragos que benefícios. Veja-se, por exemplo, o relato sobre a classificação que serviu de base ao apartheid na África do Sul em seus limites rígidos, evidentemente não assentados em bases científicas, para a fixação do que se quis compreender como característica definitiva do polêmico e contraditório conceito de “raça”.

Além dos que se interessam pela classificação, incluindo-se, evidentemente, os bibliotecários, arquivistas, museólogos e outros estudiosos do fenômeno informacional, o livro também interessa aos sociólogos e antropólogos e, pelos temas abordados ilustrativamente, aos médicos, enfermeiros e a todos os estudiosos que querem compreender os problemas decorrentes da estratificação social.

Em tom jocoso, os autores fazem referência ao conteúdo eclético do livro em sua declaração: “Odiaríamos ter que atribuir um número de classificação de Dewey a este livro, que abrange sociologia, antropologia, história e sistemas de informação e design. Nossa modesta esperança é que ele não encontre seu caminho entre as prateleiras da fantasia” (BOWKER; STAR, 2000, p. xii).

Apesar do interesse manifesto da ciência da informação pelo tema, o livro está, como já destacado em outra resenha da mesma obra, “estranhamente desconectado de um grande corpo de pesquisa empírica cognitiva em classificação e categorização que já existe” (BROOKS, 2000, p. 1150), incluindo-se livros também publicados pela *MIT Press*, como é o caso de *Knowledge, concepts and categories* (LAMBERTS; SHANKS, 1997).

A análise que os autores empreendem acerca da classificação observa sistemas que querem se adequar ao padrão internacional, como é o caso da CID e, poder-se-ia acrescentar de alguns sistemas de classificação bibliográfica, além de outros semelhantes. Por essa mesma razão, tais sistemas são inerentemente ambíguos e generalizantes.

Por fim, o que torna a leitura do livro mais atraente, acima de todos os elementos apontados neste texto é o esforço consciente que os autores fazem para deslocar as discussões sobre classificação do âmbito acadêmico, algumas vezes excessivamente teórico, para a prática dos efeitos da classificação do cotidiano, quase nunca percebidos.

Referências

- BEGHTOL, C. 'Facets' as interdisciplinary undiscovered public knowledge: S. R. Ranganathan in India and L. Guttman in Israel. **Journal of Documentation**, v. 51, n. 3, p. 194-224, 1995.
- BOWKER, G. C.; STAR, Susan L. **Sorting things out: classification and its consequences**. Cambridge: Mit Press, 2000.
- BOWKER, G. The kindness of strangers: kinds and politics in classification systems. **Library Trends**, v. 47, n. 2, p. 255-293, 1998.
- BROOKS, Terrence A. Sorting things out: classifications and its consequences. **Journal of the American Society for Information Science**, v. 51, n. 12, p. 1149-1153, 2000. [Seção] Book reviews. Resenha da obra de: BOWKER, G. C.; STAR, Susan L. *Sorting things out: classification and its consequences*. Cambridge: Mit Press, 2000.
- KWASNIK, B. Factors affecting the naming of documents in an office. *In*: BORGMAN, C.; PAI, E. Y. H. (ed.). **ASIS '88: proceedings of the American Society for Information Science (ASIS): 51st Annual Meeting: 1988**. Atlanta: Information Today, 1988. p. 100-106.
- KWASNIK, B. **The importance of factors that are not document attributes in the organization of personal documents**. 1991. School of Information Studies – Faculty Scholarship. 146.
- LAMBERTS, K.; SHANKS, D. (ed.). **Knowledge, concepts, and categories**. Cambridge: The MIT Press, 1997.
- LANGRIDGE, D. W. **Classificação: abordagem para estudantes de biblioteconomia**. Rio de Janeiro: Interciência, 2006.
- STAR, S. L. Grounded classifications: grounded theory and faceted classifications. **Library Trends**, n. 47, n. 2, p. 218-232, 1998.
- STAR, S. L.; BOWKER, G. C. Introduction. **Library Trends**, v. 47, n. 2, p. 185-189, 1998.

Resenha enviada em: 01 jun. 2021.